

IVAN TEIXEIRA DE BARROS (TRANSCRIÇÃO)

Boa tarde a todos, obrigado pela apresentação, Tayna. Obrigado, Ivanei, pelo convite, por proporcionar que o Museu Gustavo Teixeira participasse deste encontro. Obrigado, Maria e Márcia, por compartilhar a mesa comigo. Muito obrigado.

O Museu Gustavo Teixeira não é casa própria do Gustavo Teixeira. Surgiu em 1972, por idealização de uma senhora aqui da cidade, a construção de uma réplica da casa do poeta. Ele nasceu aos pés da serra, numa casa de bambu, com janelas altas, grandes, com pé-direito alto, de dois andares. A família acabou saindo da fazenda, a casa perdeu-se, por não ter manutenção, e essa senhora, dona Margarida, desenhou e pediu para que fosse construída a réplica da casa no centro da cidade. Hoje, a casa que foi construída é a Biblioteca Gustavo Teixeira. Na sua inauguração, os objetos e pertences do poeta vieram para o piso superior, onde foi montado um mini museu em memória e salvaguarda do poeta Gustavo Teixeira.

Quem foi Gustavo Teixeira? Ele nasceu em 1881, de uma família simples, aqui do interior de São Paulo. Aos 12 anos ele já escrevia seus primeiros versos e, aos 14, ele já dava aula nas fazendas. Ele foi educado pela mãe, mas foi para São Paulo estudar. E lá, com as publicações de seus versos, ele contribuiu para jornais. Foi convidado pelo Júlio Prestes para ser editor, aceitou o convite, mas não se adaptou ao modo de viver da cidade grande, retornando à cidade de São Pedro.

Em 1905 ele faz o lançamento de seu primeiro livro, *Ementário*, que teve uma grande aceitação entre as críticas literárias. A partir desse momento, com a retomada e a vinda de volta a São Pedro, sendo uma pessoa introvertida, tímida e humilde – como escreve Lygia Fagundes Telles, para quem ele foi “o poeta dos humildes”, para quem ele não tinha vaidades, não queria fama –, ele também não se adaptou. Ele era um poeta parnasiano, não conseguiu se adaptar ao Modernismo. O Oswald de Andrade vivia aqui em São Pedro em contato com o Gustavo, mas ele não conseguiu se adaptar ao Modernismo, e ele lançou um novo livro, em 1925, o qual recebeu muita crítica e não foi aceito, o que também o deixou muito introspectivo, não escrevendo mais. Mas ele foi eleito para a Academia Paulista de Letras em 1937 e não chegou a assumir a cadeira.

Ele faleceu sete dias antes de tomar posse. Mas ele contribuiu bastante, principalmente com a cidade, com a literatura. É de uma família de literatos, então nós temos não só Gustavo Teixeira, mas hoje a gente faz um resgate também da Maria de Lourdes – depois a gente pode até falar um pouco mais – e temos também a Rafaelina Teixeira. A gente percebe que há uma gama da família no mundo da literatura.

O Museu Gustavo Teixeira hoje está abrigado dentro do antigo Grupo Escolar, que foi construído em 1910 para abrigar a educação da república que estava sendo constituída. O Museu Gustavo Teixeira foi transferido para lá. A Biblioteca já não comportava tanto os nossos acervos, e nós transferimos todo o acervo do pequeno museu para esse espaço novo. Fizemos um trabalho com a comunidade, porque muitos dos pertences, muitos dos livros da biblioteca particular do Gustavo estavam soltos entre a comunidade são-pedrense. Diziam: “Aquilo é meu e não vou dar para mais ninguém.” Então nós fizemos um trabalho com a comunidade: “Olha, é seu, mas se vocês nos darem, nós vamos tomar conta, e isso vai se manter vivo, é uma memória que vai se manter aí, para que as pessoas também possam ter conhecimento do que Gustavo Teixeira gostava, de como era a vida dele.”

E nessas descobertas, nesse trabalho que foi realizado com a comunidade, nós descobrimos diversos motivos pelos quais Gustavo Teixeira era tão introspectivo na relação com as pessoas. Ele casou com uma pessoa que ele não queria, com uma menina jovem que o abandonou na porta do altar. Ele era espírita, mas ele não podia revelar isso para a sociedade conservadora da época. Então, muitos estudos posteriores surgiram com esse resgate, esse trabalho com a comunidade.

Hoje o Museu Gustavo Teixeira é um centro cultural também. Nós desenvolvemos dentro dele atividades culturais, trazendo a comunidade e a população. É um museu que abriga desde crianças pequenas, com os nossos educativos, até as excursões de terceira idade, que vêm fazer um resgate da memória, do passado. É um museu em que a gente trabalha a questão da literatura e da poesia. Nós temos a Semana Gustavo Teixeira, que se realiza em setembro, e este ano nós completamos 69 edições de Semana Gustavo Teixeira, uma Semana que vem a cada ano crescendo, com participações de lugares do Brasil. No ano passado nós recebemos inscrições do exterior,

e isso foi para nós foi muito importante, levar ao mundo quem foi Gustavo Teixeira, que também contribuiu com publicações em outros países.

Então, ao repensar a todo momento como a gente vai ter essa agoridade – como você mesma disse, Tayna, nós pensamos agora, acabamos de executar, mas não é mais o agora, é o passado –, e pensando nessa meninada que está vindo, como eu consigo agregar esses jovens com uma poesia que é tão complicada de entender, que é a do Parnasianismo? Vamos lá conversar com a moçada, ver o que eles querem? Na hora em que eles começaram a descobrir que batalha de rimas também é poesia, o *slam* etc., mudou muito a concepção e cresceu bastante essa relação entre a poesia do Gustavo Teixeira com os demais poetas e as demais formas de se fazer poesia. É essa construção que a gente tenta desenvolver.

Eu sou da família do poeta Gustavo Teixeira, sou primo de 4º grau. Não tínhamos objetos, entre nós da família, do poeta, mas tínhamos histórias e relatos. Estamos fazendo vivências de relatos e gravações para que a gente tenha essa audiovisual à disposição de todos. Nós perdemos muitos desses relatos orais, então estamos fazendo também esse resgate. Eu já trabalhei no museu, em 2009, quando ele foi transferido de espaço, e eu tive essa construção junto, então eu me sinto muito apegado a esse local. É um xodó que eu tenho. Estamos fechados já faz quinze dias. Recebemos um recurso e vamos passar por uma restauração deste prédio, e já tínhamos pensado uma forma de expografia que hoje, pós-pandemia, já não nos atende mais. Então a cada momento a gente tem que parar e repensar, porque eu não posso pensar só no agora sem pensar no futuro também.

Então, esse é o Gustavo Teixeira, esse é o trabalho que nós desenvolvemos aqui. Assim como a Maria falou, eu não preparei nenhum material, mas convido a todos a conhecerem nosso canal no Instagram (@museugt). É novo, é bebezinho ainda. A essas modernidades que estão acontecendo a gente tem, enquanto museu, se adaptado. O museu tem que deixar de ser algo distante da população, distante dos jovens, distante de todo mundo. O museu é de todos, é do povo, é a casa de todo mundo. Não é algo que há muito tempo a gente entendia como elitizado ou estático, em que você vai ver uma peça, volta e é a mesma coisa. Não, todo dia você acorda e repensa aquele processo



de modernização. A gente acaba puxando bem o erre aqui no interior de São Paulo [risos].

Ivan Teixeira de Barros é Pedagogo pela Universidade Luterana do Brasil, com especialização em Arte e Educação pela Centro Universitário Claretiano. Conservador e Restaurador pelo Museu de Arte Sacra de São Paulo, atualmente é Coordenador de Cultura em São Pedro (SP) e Diretor do Museu Gustavo Teixeira, naquela cidade.